

3 Campo da Pesquisa- A escola Darwin

Neste capítulo apresento a escola Darwin, tanto em sua estrutura física quanto em sua história, além de traçar o perfil das famílias e da realidade social na qual a instituição se insere. O objetivo é entender o contexto social da escola investigada, a fim de justificar algumas de suas ações internas. Assim como afirma Soares (2004):

Toda escola esta inserida em um contexto social, sobre o qual não tem controle, mas que influencia fortemente as relações estabelecidas nos processos escolares e, conseqüentemente, o processo ensino-aprendizagem.

3.1. Realidade geográfica

A escola Darwin localiza-se no município João de Deus (nome fictício), um dos menores municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro, mais precisamente na Baixada Fluminense. As cidades desta região cresceram as margens dos trilhos da antiga estrada de ferro da Central do Brasil, sendo a estação ferroviária a principal referência geográfica. Toda esta região da Baixada é conhecida como “periferia da periferia” (Souza, 2002) da cidade do Rio de Janeiro devido à fragilidade no seu processo de urbanização frente ao grande crescimento populacional desordenado. Caracteriza-se por constituir uma área carente do estado com uma série de problemas de infra-estrutura quanto ao saneamento básico, fornecimento de água e condições de moradia. Indicadores socioeconômicos, segundo o TCE-RJ (2004) e os estudos de Souza (2002), demonstram que a população da Baixada Fluminense necessita de melhorias em suas condições de vida, como na educação e na distribuição de renda, para que possa alcançar padrões mais elevados de sobrevivência.

O município João de Deus ocupa uma pequena área, tendo aproximadamente dezenove quilômetros quadrados, correspondentes a 0,4% da área da Região Metropolitana. Apresenta sistema viário e ferroviário integrado a capital do Estado, dada sua vizinhança à cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um município totalmente urbano, com taxa de urbanização correspondente a 100,0% da população. O município é considerado cidade “dormitório”, pois a

maioria da população trabalha na cidade do Rio de Janeiro, por conta da escassez de indústrias e outras ofertas de emprego no município. Há, ainda, predominância de forte comércio popular, representado pelos vendedores ambulantes, devido os altos índices de desemprego na região e a não qualificação da mão-de-obra disponível.

De acordo com o censo do IBGE (2007), a faixa etária predominante encontra-se entre os 15 e 39 anos, os idosos (acima de 60 anos de idade) representam 4% da população do município, enquanto 12% correspondem as crianças entre 0 e 14 anos. Percebe-se que há uma predominância de pessoas que se declaram afro-descendentes, representando 50,8% da população, contra 48,1% de brancos. O município, ainda, apresenta poucos locais que favoreçam as práticas culturais, como teatros, cinemas, museus ou bibliotecas.

Em relação ao saneamento básico, João de Deus tem 96,2% dos domicílios com acesso à rede de abastecimento de água, enquanto que a rede coletora de esgoto sanitário chega a 79,8% dos domicílios do município. O esgoto coletado não passa por tratamento e é lançado diretamente no rio. E, 99,0% dos domicílios contam com coleta regular de lixo. Mesmo assim, ainda se encontra terrenos abandonados pela cidade com acúmulo de lixo doméstico. O total de resíduos sólidos coletados soma 260 toneladas por dia, cujo destino são dois vazadouros a céu aberto (lixões).

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), indicador criado no âmbito do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud/ONU) constitui-se na composição de três índices - expectativa de vida ao nascer, alfabetização e taxa de matrícula bruta e, finalmente, renda per capita - que reflete dimensões básicas da vida humana. No município João de Deus, o IDH é considerado médio, assim como em todos os municípios da Baixada Fluminense

Os melhores índices do município João de Deus, para cálculo do IDH, são alcançados para taxa bruta de matrículas e alfabetização, chegando assim a características educacionais do município. O município apresenta, aproximadamente, todos as crianças entre 7 e 14 anos matriculadas nas escolas da região. Totaliza 25.815 matrículas no ensino fundamental, tendo uma população infantil (entre 0 e 14 anos) de, apenas, 18.383 (IBGE, 2007). Com isso, se conclui que há uma grande distorção idade-série no município, com um grande número de crianças, maiores de 14 anos, matriculadas no ensino fundamental. Porém, os dados do censo escolar (2007) apontam para uma melhora na taxa de aprovação do município, de 58% em 2005 para 69,2% em 2007.

A escola investigada pertence à rede pública municipal da cidade João de Deus, que conta com mais onze escolas de ensino fundamental, sendo que seis atendem apenas, o primeiro segmento. A rede adota o sistema de ciclo¹⁴ somente nos três primeiros anos de ensino.

A secretaria municipal de educação (Semed) adota uma política centralizadora em relação à distribuição dos recursos e as normas de funcionamento das escolas da rede, sendo responsável pela manutenção da infra-estrutura das escolas, compra e distribuição da merenda escolar, contratação e distribuição de pessoal, nomeação dos diretores, fornecimento de recursos materiais, como produtos de limpeza e artigos de papelaria. Ao contrário, com as políticas de descentralização do governo federal, a escola recebe verba federal para ser investido em bens pela própria gestão da escola de acordo com seu projeto pedagógico.

A escola Darwin fica localizada próxima ao centro do município, o que, segundo a diretora, favorece a escolha dos professores para esta unidade e diminui a carência destes profissionais. A escola é de fácil acesso, com ponto de ônibus praticamente na porta. Trata-se de uma área basicamente residencial, com pouco comércio. As ruas da escola e das proximidades, são asfaltadas, mesmo estando localizada na base de um morro que corta a cidade. A maioria dos alunos reside nas proximidades da escola.

Não se comenta casos próximos de violência urbana, porém, não se nega sua existência. A segurança da escola é mantida pelo portão de entrada sempre trancado, sem a presença de um policiamento específico nas redondezas.

3.2.As famílias

Mesmo sem ter tido acesso aos dados sobre o perfil sócio-econômico¹⁵ dos alunos da escola Darwin e suas famílias, algumas observações do cotidiano escolar contribuíram para conhecer este perfil.

Segundo depoimento dos funcionários da secretaria que fazem a matrícula dos alunos e atendem diariamente as famílias, a maioria dos pais tem

¹⁴ sistema de ciclo- tem como base o regime de progressão continuada, uma perspectiva pedagógica em que a vida escolar e o currículo são assumidos e trabalhados em dimensões de tempo mais flexíveis, e não ao fim de um ano letivo.

baixo grau de escolaridade e as profissões mais comuns são; entre as mulheres, como empregadas domésticas e entre os homens, operários assalariados ou ambulantes. Com casos freqüentes de desemprego ou de mulheres, mães e avós, que sustentam as casas sozinhas. A renda proveniente do Programa Bolsa-Família¹⁶ é citada nas conversas informais como uma importante fonte para aquisição de material escolar ou artigos de vestuário para os alunos.

O acompanhamento do trabalho de orientação educacional junto dos alunos faltosos permitiu, ainda, perceber uma série de conflitos familiares e a dificuldade de monitoramento dos pais pela vida escolar dos filhos.

Os membros da escola afirmam que não promovem atividades extracurriculares devido ao baixo poder aquisitivo dos alunos, que não podem arcar com as despesas de transporte, ingressos e alimentação.

Os alunos comentam que, quando não estão na escola, são assíduos freqüentadores de "lan house", onde vão, principalmente, para jogar ou conversar pelo "msn" ou "Orkut", não demonstram o hábito de leitura durante os intervalos nem nas conversas direcionadas. Não freqüentam cursos extracurriculares, como escolas de línguas estrangeiras, informática, arte ou música. As práticas esportivas se restringem às aulas de educação física, muito esperada por eles, ou ao jogo de futebol entre os meninos no campinho próximo a escola.

A escola não exerce nenhuma influência sobre a escolha de seus alunos, na verdade, são as famílias que escolhem a escola, principalmente pela proximidade com a residência e a boa imagem que elas têm da escola, uma vez que há outras escola públicas nas proximidades.

São estes fatores, nível de escolarização dos pais, do acesso a bens culturais e tecnológicos, do ambiente familiar, dos hábitos de leitura dos pais, entre outros, que influenciam na formação do *background* dos alunos, e que influenciam no desempenho dos alunos na escola. Além disso, o baixo capital econômico, social e cultural das famílias acaba por afetar a auto-estima dos alunos e suas perspectivas de futuro.

¹⁵ As fichas de matrículas dos alunos não apresentavam dados sobre as profissões ou nível de escolaridade dos pais. Além disso, não foi disponibilizado o acesso aos dados dos questionários socioeconômicos aplicados na Prova Brasil.

¹⁶ bolsa-família- é um programa de bem-estar social desenvolvido pelo governo federal brasileiro em 2003 para integrar e unificar ao Fome Zero os antigos programas federais "Bolsa Escola", "Auxílio Gás" e "Cartão Alimentação". Consiste-se na ajuda financeira às famílias pobres e indigentes do país, com a condição de que estas mantenham seus filhos na escola e vacinados.

3.3. A escola

Abrindo os portões da escola Darwin é possível se deparar com um prédio escolar de dois andares e uma ampla quadra esportiva, ocupando toda extensão do seu pátio interno.

Logo na entrada, a escola tem uma janela, sempre aberta, que fornece atendimento aos pais, visitantes e alunos, onde fica localizada a secretaria, a sala dos professores, a coordenação pedagógica, a orientação educacional e o gabinete da direção. Em todos estes espaços não parecem existir portas, há um diálogo constante entre os seus membros, troca de opiniões e atendimento para quem os procura. São ambientes físicos de pequenas dimensões, mas com fronteiras pouco marcadas por se encontrarem sempre abertas, o que acabam por ampliá-los. A secretaria possui dois computadores e uma impressora com um sistema de cadastramento dos dados dos alunos, adquirido, recentemente, pela gestão da escola, permitindo a maior agilidade no atendimento e qualidade dos documentos emitidos.

A escola possui catorze salas de aulas distribuídas entre o primeiro e segundo andar. Estas possuem quadros brancos, fato muito apreciado pelos professores e alunos, pois restringem o contato com o pó de giz. As salas são amplas e arejadas, com rebaixamento de teto em plástico (PVC) branco que ajuda a atenuar o calor.

Todas as salas de aula estão equipadas com carteiras universitárias na cor verde, já que esta parece ser a cor que predomina na escola, pois tanto a fachada quanto os corredores, salas de aula e uniforme são desta cor. Durante esta pesquisa a escola foi pintada, melhorando seu estado de conservação. No entanto, a escola de forma geral já apresentava boas condições físicas, sem paredes pichadas ou equipamentos depredados.

Conhecendo melhor os ambientes escolares e a sua distribuição, a escola organiza alguns espaços para atividades pedagógicas diferenciadas, como um pequeno auditório, uma sala de leitura e de informática. Neste auditório, as cadeiras são diferenciadas do ambiente das salas de aulas, são individuais, acolchoadas e na cor azul, permitindo que sejam organizadas em grupos, círculos ou fileiras. Dispõem de duas televisões, três aparelhos de DVD, videocassete, retroprojektor, amplificador e aparelho de som portátil.

A sala de leitura caracteriza-se por ser um espaço bem acolhedor, com tapetes e almofadas, cantinho para teatro de fantoches e jogos didáticos. O acervo é formado por livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias e dicionários, oriundos de projetos do governo federal, sendo inaugurada no ano de 2006. Hoje, a sala de leitura divide o espaço com dez computadores recebidos, recentemente, do governo federal e motivo de muita expectativa por parte dos alunos.

Há dois amplos corredores, um no primeiro andar e outro no segundo que ligam todos aos ambientes escolares, facilitando a integração e a visualização de tudo que ocorre na escola. Por eles é possível encontrar, frequentemente, a figura do diretor cumprimentando os alunos ou dialogando com os professores e funcionários.

No final do primeiro andar sentimos sempre um cheirinho de comida, é onde fica a cozinha e o refeitório. Lá encontramos três grandes mesas forradas com plástico de estampas coloridas e muita preocupação com a limpeza. As merendeiras se orgulham de seu papel de cuidar da alimentação dos alunos e reforçam que, para muitos alunos, a merenda da escola é sua única refeição do dia.

O pátio da escola, amplamente tomado pela quadra esportiva, tem dois cantinhos preferidos pelos alunos, onde ficam duas árvores. Estas têm os seus troncos enfeitados por artesanato de tampinhas de garrafas feito pelos alunos nas aulas de educação ambiental e algumas mesas com bancos de cimento no qual a conversa corre solta nos intervalos.

Os principais problemas estruturais se devem a algumas goteiras no teto de algumas salas, falta de alguns ventiladores, que se encontram enguiçados e o estado de algumas carteiras, deformadas pelo uso. Os únicos banheiros para os alunos localizam-se no térreo e são juntos com o vestiário para as atividades de educação física, e motivos de reclamações por parte dos alunos, por serem pequenos e pouco conservados.

Por ter a maioria dos seus espaços dedicados para as práticas pedagógicas, restam poucos lugares para depósito de material. O pequeno almoxarifado da escola não comporta a guarda de arquivos de documentos antigos da secretaria, livros didáticos recolhidos anualmente e estoque de materiais recebido da prefeitura ou do MEC. Por isso, o gabinete da direção e a sala da coordenação acabam por servir como depósito, tendo muito material empilhado.

Não apresenta, também, adaptações para alunos com deficiências físicas, o que dificulta a locomoção *deste* pela escola, uma vez que no momento a escola só possui um aluno, deficiente físico, matriculado.

A escola Darwin tem 967 alunos, distribuídos em três turnos. No turno da manhã são catorze turmas de primeiro segmento do ensino fundamental e no turno da tarde, são nove turmas de segundo segmento e cinco de 5º ano. No turno da noite há quatro turmas de EJA, ensino de jovens e adultos. No turno da tarde, são nove turmas que ocupam o segundo andar do prédio escolar, distribuídas em ordem de série, três turmas de 6º ano, três de 7º ano, três de 8º ano e, apenas, uma de 9º ano. A explicação para esta redução no número de alunos de 9º ano, segundo a direção, se deve a transferência para escolas estaduais, a fim de garantir vaga no ensino médio.

Esta escola pode ser classificada como uma escola de pequeno/médio porte. O que já se torna um aspecto positivo sobre o desempenho dos alunos, pois contribui com o clima escolar, garantindo relações mais próximas entre os seus membros e um maior entrosamento. Principalmente, no segundo segmento do ensino fundamental, no qual o número de professores é maior e os dias nem sempre comuns, percebe-se a influência do tamanho da escola. Segundo Gomes:

“Há fortes evidências de que, em escolas secundárias menores, os alunos estão satisfeitos, são mais responsáveis e participativos e alcançam maior aproveitamento” (2005).

Retomarei estas questões no debate sobre clima escolar.

Porém, a principal dificuldade da escola Darwin encontra-se no processo de manutenção da sua estrutura física e material. Todo reparo só pode ser feito pela prefeitura municipal, que encaminha os funcionário e o material após solicitação da escola via ofício. Mas, na maioria das vezes ocorre demora no atendimento as emergências da escola e até não realização do serviço. Diante deste quadro a diretora geral, Marta (nome fictício) conta com o apoio dos professores e alguns membros da comunidade. Muitos desses reparos são realizados com as arrecadações feitas em festas pela escola, como a festa junina, uma vez que a escola não conta com verba municipal, apenas o PDDE (Programa Dinheiro Direto da Escola) do governo federal, mas, que não pode ser investido em reparos. A escola recebe, ainda, os produtos de limpeza e a merenda escolar direto da Semed (secretaria municipal de educação), além de Kit de material escolar (pasta com canetas, lápis, caderno, cola), material

higiênico (pasta de dente, sabonete, caneca, toalhinha) e uniforme (bermuda, camiseta e tênis) para serem distribuídos para os alunos, mas, que nem sempre chega em número suficiente para todos.

Esta distribuição de material, tanto para escola quanto para alunos, traz uma série de dificuldades. Primeiro, em relação à periodicidade de entrega do material de limpeza, de papelaria e merenda, que não obedece um calendário prévio e descritivo. A escola acaba ficando longos períodos sem material, sendo obrigada a adotar estratégias do tipo: “a gente acaba dando um jeitinho” como se percebe nas falas das diretoras:

“Aí o que acontece, quando falta detergente para lavar louça, eu coloco do meu bolso. O papel higiênico, já aconteceu de faltar, também. E eu me vi sem saída, pois não queria pedir ao professor, eu me sinto, às vezes, não muito confortável, por saber que isso é obrigação da prefeitura. Mas eu não acho justo privar a merendeira de lavar o prato com gordura, então eu prefiro comprar do meu bolso” (Marta, diretora geral)

“É a gente depende do que eles mandam (a prefeitura) (...) Isso por aí a gente vê, eu particularmente vejo, como um problema, porque as pessoas que estão lá não tem o conhecimento do funcionamento da escola, estão a gente vê uma dificuldade neste sentido, é a falta de autonomia porque o dinheiro que vem para gente para determinadas situações, coisas que a gente pode fazer ou não. E tem coisas que a gente depende da prefeitura. (...) Algumas coisas são mais rápidas outras são mais demoradas um pouco. Mas, é assim ainda. A merenda é centralizada lá, eles é que mandam.” (Ana, diretora adjunta)

Constatei esta situação em uma de minhas visitas, quando o caminhão da prefeitura chegou para entregar merenda, desta vez era carne e frango, e ninguém da escola sabia o que ia ser entregue, nem quando. Segundo as merendeiras, acontece de, às vezes, ter um ingrediente e faltar outro.

Quanto ao material que os alunos recebem, nem sempre são muito valorizados por eles. Alguns reclamam do tipo de uniforme distribuído que não é adequado para os alunos maiores (6º ao 9ºano) com características bastante infantis. Sem dizer, que faltam numerações para estes alunos. O que se vê, no dia a dia, é a maioria dos alunos sem uniforme, frequentando as aulas com diferentes tipos de roupas e cores. Outros não querem nem pegar o kit de produtos higiênico, ficam envergonhados ou ridicularizam o material.

Com a observação destas situações percebo a necessidade de maior autonomia financeira para a escola Darwin, a fim de que se possa administrar melhor as questões organizacionais da escola, que acabam se refletindo nas práticas pedagógicas. Além disso, a escola precisa ser ouvida em suas necessidades mais básicas. Não adianta enviar tênis para os alunos se estes se recusam a usá-los, não adianta investir em kit de higiene se os problemas, desta

dimensão, não são comuns nesta escola. A adoção de políticas assistencialistas e centralizadoras, desenvolvidas por algumas esferas do governo, defende, equivocadamente, a idéia de que a entrada de recursos materiais é garantia direta de melhores resultados.

Este debate sobre a necessidade de autonomia das escolas públicas não é novidade no meio acadêmico. Desde os anos de 1990, com a implantação da LDB 9394/96 diversos estudos se desenvolveram (Paro, 2007, 2008; Gadotti, 2004; Melo & Atié, 2003). Porém, mostraram que não basta um decreto para que a autonomia das escolas seja alcançada com eficácia. Primeiro, se precisa pensar quais os interesses estão definindo esta autonomia, quais as concepções que estão em jogo. Segundo, porque a autonomia não deve ser apenas financeira, deve abranger, também, o pedagógico e o administrativo. Assim, devido a complexidade do tema retomarei ao debate sobre a autonomia da escola Darwin depois de apresentar mais algumas de suas características internas, não só financeiras, mas também pedagógicas e de gestão.

Sobre os aspectos estruturais, algumas pesquisas já foram desenvolvidas buscando relacioná-los com o desempenho dos alunos e a qualidade do ensino. Os primeiros estudos de escolas eficazes (Rutter et al., 1979) verificaram uma fraca relação dos aspectos estruturais com os resultados escolares. Estudos internacionais recentes, também, concluíram que os recursos escolares não são fatores de eficácia escolar, uma vez que a maioria das escolas apresenta graus semelhantes de conservação e equipamentos. Mas, segundo Franco & Alves (2008), no Brasil, os equipamentos e a conservação do prédio escolar realmente importam, pois há uma forte diferença estrutural entre as escolas.

No caso de Darwin, o que ficou evidente foi a existência de uma forte relação entre a estrutura física e a organização escolar. É a partir do tamanho das salas, dos espaços livres que as turmas e os horários são organizados. Há uma preocupação em favorecer as práticas pedagógicas criando ambientes diferenciados e de manter as boas condições físicas e materiais da escola.

Porém, refletindo que para os recursos escolares fazerem a diferença não basta tê-los, o necessário é a sua efetiva utilização pelos professores e alunos no âmbito da instituição, nos próximos capítulos que envolvem o cotidiano da escola Darwin, poderei ampliar esta questão.

3.4. História da escola

A escola Darwin tem história, foi fundada há mais de trinta anos, porém não há um registro preciso com a data de sua fundação. Inicialmente, funcionava em uma velha casa ao lado de onde se localiza hoje. Porém, o proprietário do imóvel solicitou a entrega do mesmo e os alunos, na época, tiveram que ser remanejados para quadra de uma escola de samba para concluir o ano letivo. Foi um tempo de sacrifícios e desafios, como narra a funcionária Leide, ex- aluna da escola naquele período:

“Bem, em 1970 e pouco foi construído este prédio novo. Antes, quando estudei aqui, nós ficávamos lá embaixo, em uma casa que tinha ali na esquina. Mas, o proprietário pediu a casa e ficou todo mundo desesperado, pois as salas estavam cheias de alunos matriculados. Então, dividiram os alunos, foi um pouco para uma escola de samba, que tem ao lado do minha casa. Era uma escola de samba ,agora é um salão de festa. E, uma outra parte, foi para a igreja. Ali nós estudamos um bom tempo, por um ano, mais ou menos. Até que construíram aqui, primeiro construíram a parte de baixo, com algumas salinhas, não era isso que esta hoje. Eram somente algumas salinhas suficientes para abrigar os alunos. Nessa época, mesmo com alunos aqui estudando, era barro puro, foi muito difícil. Depois, eles começaram a construir em cima e hoje nós estamos aqui!”

Neste período, por volta dos anos de 1970, a atual sede da escola foi construída e inaugurada com apenas cinco salas. No entanto, a demanda da comunidade por vagas era grande, o que levou a construção do segundo andar da escola alguns anos depois. Na história da escola Darwin, alguns de seus atuais professores e funcionários foram seus alunos, assim como, muitos pais e até avós dos atuais alunos. Esta característica de atender a comunidade, marca fortemente a equipe escolar e os próprios alunos, pois cria um ambiente de que a escola pertence à comunidade e um sentimento de orgulho por fazer parte de sua trajetória.

Isto pode ser percebido no depoimento da aluna Daniele do 9º ano:

“A nossa escola tem história, meu pai estudou aqui, o pai da Ana também. Alguns, hoje, são médicos, advogados. Antes tinha que dormir na fila para conseguir uma vaga”

O fato de ter que dormir na fila é considerado pelos alunos como sinônimo de qualidade. Apesar de, ser possível prever que naquela época a demanda por vagas na escola pública era muito grande, pois não havia escolas para todos. Mas, a escolha desta escola pelos pais pode ser um indicador de

qualidade, pois na região havia e há outras escolas que podem ser escolhidas. A funcionária Leide vivenciou esta procura por vagas:

“Era um horror. Eu chegava aqui em janeiro com medo, que por eu morar na comunidade, todo mundo me conhece, então quando eu virava ali, esta fila aqui, ela ia lá em cima. Aí, descia todo mundo para cima de mim, dava até medo, para perguntar como é que era, o que precisava? Sem contar que se a matrícula fosse começar na segunda feira, na sexta-feira quando a gente saía daqui à tarde já tinha gente com a cadeirinha aqui.”

Semelhantemente, Dourado (2007a) nos estudos sobre as dimensões intraescolares e sua influência na qualidade do ensino afirma:

“Entre os fatores analisados sobre o que seja uma boa escola está a questão da demanda, pois quase sempre uma maior procura da escola indica uma apreciação positiva da qualidade de educação.”

Na história da escola Darwin se destaca dois eventos, bastante significativos, que ajudam a entender o *ethos* desta escola. Nos anos de 1980, a escola possuía o ensino médio, fato que lhe fornecia status na região. Porém, a partir de 1990, devido à legislação nacional, as escolas municipais passaram a assumir exclusivamente o ensino fundamental, sendo competência do estado fornecer o ensino médio. No entanto na escola, predomina um sentimento de saudosismo daquela época. Professores comentam sobre os prejuízos trazidos para escola com retirada deste segmento, pois, hoje muitos alunos deixam a instituição, na segunda metade do segundo segmento, em busca de escolas que já ofereçam o ensino médio, a fim de facilitar o prosseguimento dos estudos. A escola questiona, também, o número de salas ociosas no ensino noturno, que, hoje, só são ocupadas quatro salas das catorze disponíveis, com o EJA- ensino de jovens e adultos do segundo segmento, pois a procura por este nível de ensino é pequena na região.

Outro fato marcante aconteceu por volta dos anos de 1990, quando a escola Darwin recebeu a visita do ministro da educação da época, parabenizando pela formação dos jovens do segundo segmento do ensino fundamental, uma vez que a maioria dos alunos ingressos na escola técnica federal da região era proveniente da escola Darwin. Inclusive recebeu o direito a um maior o número de vagas na escola técnica para seus alunos. Isto era possível, pois parte das vagas eram reservadas aos alunos da rede municipal graças a um acordo preestabelecido com a prefeitura municipal.

Esta marca histórica de qualidade no ensino que a escola adquiriu serve para justificar o impacto dos resultados negativos do Ideb de 2005 sobre os

membros da escola. Pode-se dizer que a influência desta estabilidade anterior e o reconhecimento de boa escola pela comunidade contribuíram na busca por estratégias de recuperação e pelo comprometimento entre todos pela melhoria dos resultados.